



ROTA LITERÁRIA

SARAMAGO

NO ALGARVE

OLHÃO



ITINERÁRIO LITERÁRIO DE OLHÃO

Informações úteis

Duração média do passeio: 2h

Extensão aproximada: 2 km

Grau de dificuldade: fácil

Tipo de percurso: linear

Ponto de partida: Igreja Matriz ou outro, de acordo com o viajante



Locais visitados por Saramago

1

Igreja Matriz

Outros locais a visitar

2

*Avenida da República e Capela
de Nosso Senhor dos Aflitos*

3

Lenda das amendoeiras

4

Museu Municipal

5

Poço das Bombas

6

Mercado Municipal

MAPA DO ITINERÁRIO DE OLHÃO

1

Igreja Matriz

2

*Avenida da República e Capela
de Nosso Senhor dos Aflitos*

3

Lenda das amendoeiras

4

Museu Municipal

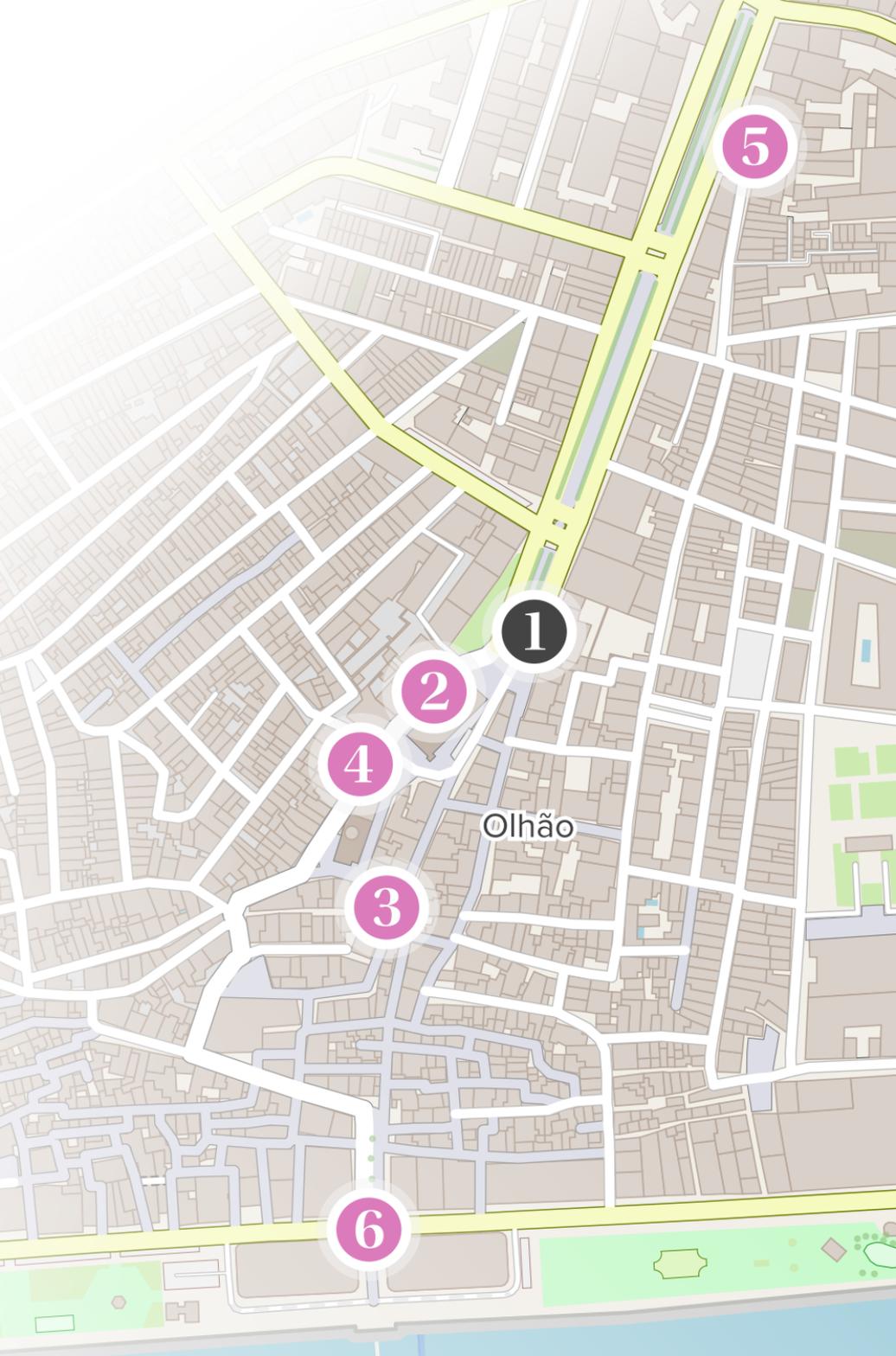
5

Poço das Bombas

6

Mercado Municipal





5

1

2

4

3

6

Olhão

APRESENTAÇÃO

VIAGEM AO ALGARVE



*Ninguém é viajante
se não for curioso*

JOSÉ SARAMAGO

Em 1979, o Círculo de Leitores encarrega José Saramago de escrever um livro sobre Portugal. Esse livro, que será publicado em 1981 com o título *Viagem a Portugal*, contribuirá para a consolidação deste autor como escritor profissional. Para a sua redação, Saramago percorreu o país de um extremo ao outro, anotando as suas sensações e reflexões sobre o país que encontra após o triunfo da Revolução dos Cravos. Em julho de 1980, Saramago viajou pelo Algarve, como parte final do seu itinerário. Nas palavras do próprio autor, o livro tinha uma «função testamentária», pois considera que o modo de vida antiga e tradicional que observa se estava a perder...

Para comemorar o centenário do nascimento de José Saramago, a Direção Regional de Cultura do Algarve promove a realização desta rota literária baseada no que Saramago viu e sentiu, ao visitar este território, e que deixou escrito naquele livro, contribuindo com uma visão atualizada daqueles mesmos lugares; assim, as ruínas de Milreu já não estão sujas nem abandonadas, reluzindo, agora, magníficas; ou aquelas igrejas que

Saramago encontrou fechadas e não pôde visitar, nós encontrámo-las abertas, para as apreciar, graças à generosidade de quem custodia este património.

Saramago entra no Algarve vindo de Mértola, no Alentejo, depois de atravessar a ponte sobre a ribeira do Vascão, e a primeira terra que visita é Alcoutim. A partir daqui, a rota vai do sotavento ao barlavento algarvio, percorrendo toda a costa até chegar a Aljezur, onde termina a sua viagem.

A rota que agora apresentamos não é uma rota fechada, pelo contrário, é uma proposta para que cada viajante a adapte à sua vontade ou necessidade, se a tiver, porque, como o próprio Saramago escreveu, em modo de apresentação, no seu livro, *[v]iaje segundo um seu projecto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cómodos e de rasto pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até inventar saídas desacostumadas para o mundo. Não terá melhor viagem.*

Considere-se avisado...



1

Iglesia Matriz

VIAGEM AO ALGARVE

OLHÃO

Em Olhão o viajante não viu muito (apenas a pouco interessante igreja matriz, onde há uma magnífica imagem barroca do Cristo Ressuscitado), mas comprou uvas no mercado e fez uma descoberta. As uvas, comidas no cais dos pescadores, não eram boas, mas a descoberta, não fosse a modéstia do viajante, seria genial...¹

José Saramago

1. Refere-se à lenda das amendoeiras.



2

*Avenida da República e
Capela de Nosso Senhor
dos Aflitos*



*Foto 1: Capela do Senhor dos Aflitos
© Visit Olhão*

O viajante deixará o carro estacionado sempre que possível, na primeira oportunidade. Desta vez, deixa-o na Avenida da República e fará o seu passeio a pé, para desfrutar da contemplação dos edifícios antigos que encontra pelo caminho. E é então que se surpreende ao encontrar à sua

frente uma igreja que não esperava no caminho: é a capela do Senhor dos Aflitos, e através da grade de ferro pode ver os ex-votos que os fiéis foram depositando, em sinal de agradecimento por uma cura.



Foto 2: Interior igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário © Região de Turismo do Algarve

IGREJA MATRIZ

A igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário fica do outro lado do edifício e, para surpresa deste viajante, está aberta para que, principalmente, os turistas, a possam visitar.

O viajante entra e procura a *magnífica imagem barroca do Cristo ressuscitado*, que se encontra no retábulo barroco da capela-mor. Para este viajante, a igreja, sim, é um edifício interessante – cada um tem sua opinião. E é-o pelas dimensões da própria construção, pela sua alta fachada, que mais parece um edifício civil do que religioso, com os seus dois andares, de amplas janelas que iluminam o interior. Enfim, pela sua própria história.





Foto 3: Igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário © Região de Turismo do Algarve

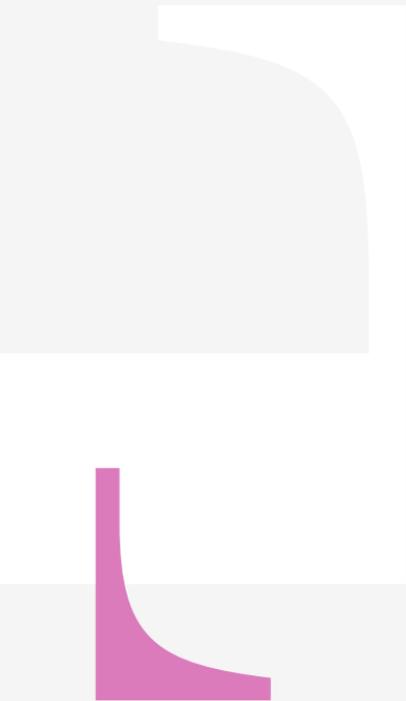
É que este lugar, quando foi mandado construir, em 1698, era habitado por famílias de pescadores, gente humilde, que vivia pobremente em cabanas e que quiseram construir uma igreja, a sua igreja, em pedra e cal, como se pode ler numa inscrição, na sua fachada.

Tratou-se, portanto, de dar resposta ao requerimento dos então moradores da Praia de Olhão, como então se chamava este lugar, ao bispo do Algarve, D. Simão da Gama, que «emita, a 10 de julho de 1695, uma provisão que ordenava a desane-



xação de Olhão, da Freguesia de São Sebastião de Quelfes, criando através de este ato a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Olhão, independente e de pleno direito», conforme ficámos a saber por cartaz comemorativo dos 325 anos da paróquia de Olhão.





Com o tempo, ao redor do templo foi-se congregando a população, que crescia devido à abundância de pesca nos seus pesqueiros; as cabanas foram substituídas por casas de material que tinham no branco das suas fachadas e nas açoteias um sinal de identidade que perdeu até hoje, com ruas estreitas e labirínticas como as de uma medina, e que, no início do século XX, serviu de inspiração ao movimento cubista.

«Do alto d´uma açoteia, Olhão surpreende-nos pelo seu panorama bizarro, assemelha-se a uma vila cartão, aos cubos, frágil e risonha como um brinquedo, pitoresca e alegre como não há outra povoação no Algarve. (...) É cheio de carinho que namoro líricamente a altura das suas casas cubistas»,² escreve José Dias Sancho, no jornal *Correio do Sul*, em 1921.

2. Olhão, Terra Cubista. Câmara Municipal de Olhão.

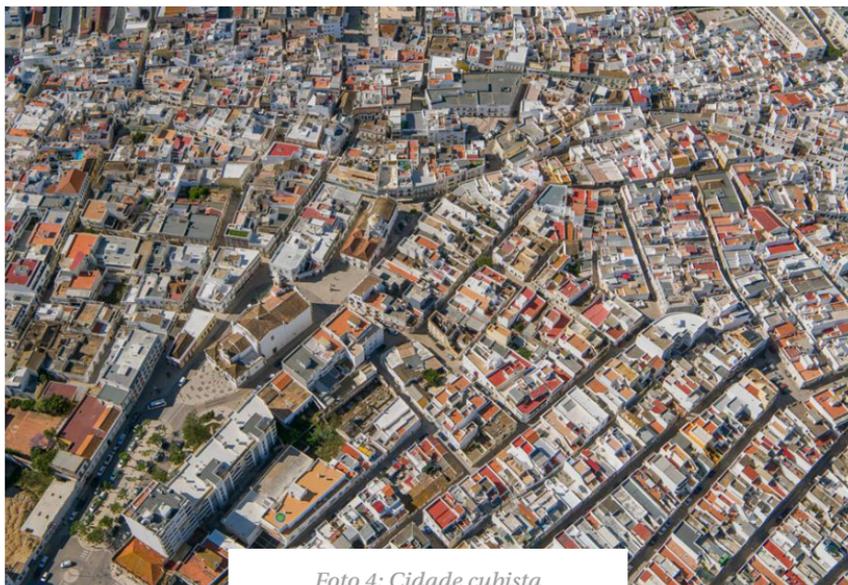


Foto 4: Cidade cubista
© Região de Turismo do Algarve



Foto 5: Açoteia
© Região de Turismo do Algarve



*Foto 6: Lenda das
amendoeiras*

OUTROS LUGARES A VISITAR, OUTRAS HISTÓRIAS

A LENDA DAS AMENDOEIRAS

Depois de sair da igreja, este viajante continua o seu passeio e, vendo a brancura das casas, recorda a lenda das amendoeiras – *tem ela que ver com aquela conhecida história do rei mouro que casou com a princesa nórdica, cuja morria de saudades das suas nevadas*

terras, o que ao rei estava causando grande mágoa porque lhe tinha muito amor – e a versão que o outro viajante faz e que eleva à categoria de descoberta; genial, se não fosse por sua própria modéstia.

Segundo a lenda, é sabido como o astuto monarca resolveu a questão: mandou plantar milhares, milhões de amendoeiras, e um dia, floridas todas, fez abrir as janelas do palácio onde a princesa lentamente se extinguia. A pobre senhora, vendo cobertos os campos de flores brancas meteu-se-lhe na crença que era neve, e curou-se. Mas, segundo a versão do outro viajante, o palácio real era numa cidade, ou num lugar importante, como este, e à roda dele havia casas, muros, enfim, o que nas cidades há, todos pintados das cores que aos seus donos mais agradavam. Branco, havia pouco. Então o rei, vendo que se lhe finava a princesa, mandou publicar um decreto ordenando que todas as casas fossem pintadas de branco e que esse trabalho fosse feito por todos em data certa, da noite para o dia. E foi assim. Quando a princesa assomou à janela, viu coberta de branco a cidade, e, então, sim, sem perigo de murcharem e caírem estas flores, sarou.

Este viajante considera que há que crer nas lendas tal como nos foram contadas, mas, no caso de Olhão, foi a brancura das suas casas o que fez curar a princesa nórdica, segundo o outro viajante, aquele cujos passos estamos a seguir.

E no que toca a lendas, Olhão tem um livro inteiro escrito nas suas ruas, «O Caminho das Lendas», para quem goste delas. Que ninguém diga que não o avisámos.

4

Museu Municipal





OUTROS LUGARES A VISITAR

MUSEU MUNICIPAL

Enquanto pensamos e nos voltamos ao tema das lendas, deparamo-nos com um edifício com um andar, do qual nos chama a atenção a colorida figura de uma virgem com o menino ao colo que preside à sua fachada. Trata-se da Nossa Senhora da Graça com o Menino e o edifício alberga, hoje em dia, o pequeno museu municipal.

Mas para nós, pelo menos para este viajante, o que é verdadeiramente importante é saber que o dito edifício foi sede da confraria do Compromisso Marítimo de Olhão, que o mandou construir em meados do século XVIII, confiando as obras aos mestres canteiros João dos Santos Tavares, filho de Diogo Tavares, um dos melhores arquitetos barrocos do Algarve, e Álvaro da Silva.

A abundância de pesca nestes pesqueiros levou os mareantes de Olhão a separarem-se do Compromisso de Faro, do qual dependiam até então, criando a sua própria confraria, com o objetivo de defender e proteger os seus próprios interesses. Nada mais lógico. As receitas da venda do peixe apanhado (que era vendido – previamente salgado – no Alentejo, em Lisboa e em Espanha e o restante vendido nas redondezas) eram administradas por eles próprios e uma parte destinada à confraria, o que lhes dava direito a cuidados médicos e medicamentos, pelo que uma botica e um açougue foram instalados no piso térreo do edifício.

De toda esta história, apenas sobreviveu o edifício, hoje convertido em museu municipal...

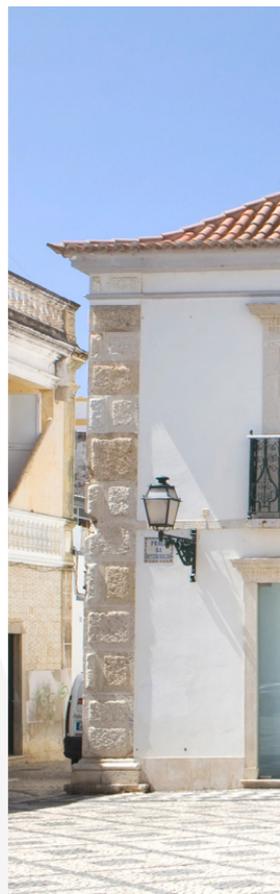
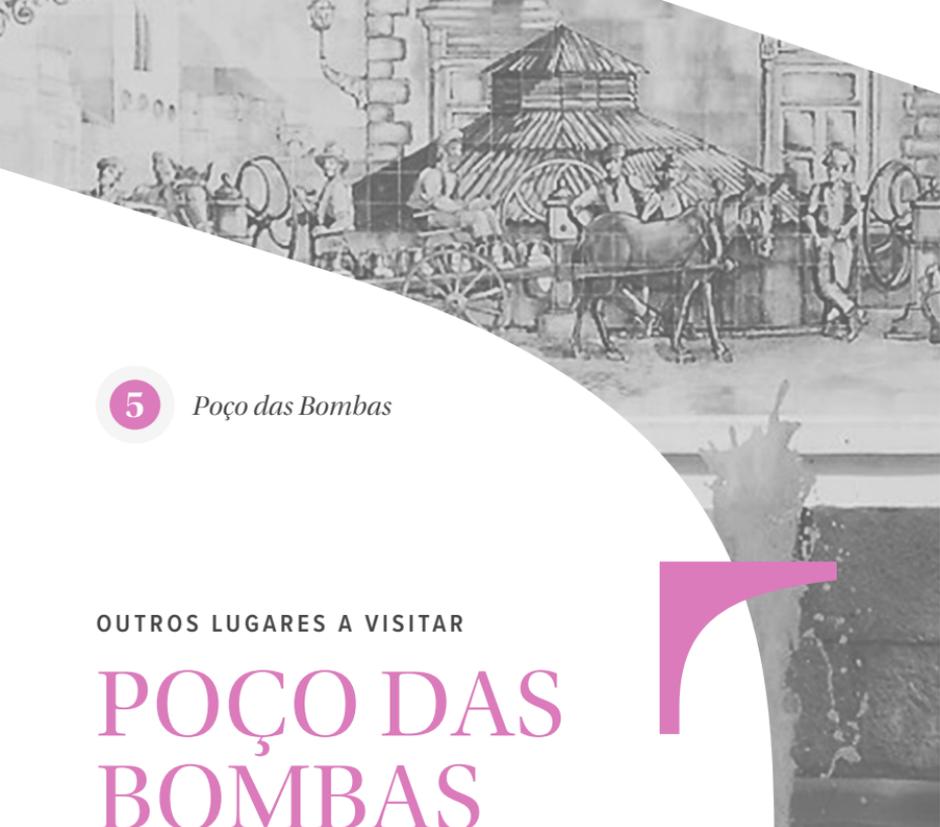




Foto 7: Museu municipal
© Região de Turismo do Algarve



5

Poço das Bombas

OUTROS LUGARES A VISITAR

POÇO DAS BOMBAS

De volta ao carro, chega ao Poço das Bombas, onde esse viajante também faz uma descoberta que o enche de satisfação, porque faz referência à origem do nome da cidade: parece que tudo começou «por mor de um olho d'água, ao redor do qual, quatro poços nasceram», segundo reza no azulejo comemorativo que preside a esta fonte, daí o nome Olhão.

Olhão, simplesmente, depois Praia de Olhão e depois Vila de Olhão da Restauração, assim chamada desde que D. João VI o outorgara, em 1808, quando teve conhecimento da saída dos franceses de Portugal. Naquela data, segundo se conta, e deve ter sido verdade, dois pescadores de Olhão embarcaram num pequeno caíque denominado “Bom Sucesso”³ e, sem mapas nem conhecimentos de navegação, guiados apenas pelas marés, aportaram no Rio de Janeiro para dar a notícia ao monarca que por ali andava a vê-las chegar. Manuel Garrocho e Manuel de Oliveira Nobre, assim se chamavam aqueles abnegados patriotas.⁴



Foto 8: Poço das bombas © Visit Olhão

3. Alexandre da Fonseca, «O caíque “Bom Sucesso” De Olhão ao Rio de Janeiro, no ano da graça de 1808», in *Actas do Congresso Histórico Olhão, O Algarve&Portugal no Tempo das Invasões Francesas 14/15/16 Novembro 2008*.

4. A revolta de Olhão contra os franceses, no contexto da chamada primeira invasão francesa, teve a particularidade de ter sido a primeira das revoltas populares contra a ocupação francesa em que houve um verdadeiro confronto com os invasores. António Rosa Mendes, *Olhão fez-se a si próprio*. Do mesmo autor: “O Levantamento Popular de Olhão Contra os Franceses”, in *Promontória*, Nº 6, 2008.



6

Mercado Municipal

OUTROS LUGARES A VISITAR

MERCADO MUNICIPAL

Com a alegria desta descoberta, decide ir até ao cais de onde partem os barcos para as ilhas da Armona, Culatra e Farol, esses paraísos naturais de esplêndidas praias. O viajante comprará uvas no mercado, mas não poderá comê-las no *cais dos pescadores*, pois este foi deslocado do centro da povoação para um novo local mais moderno.

Em vez disso, apreciará o colorido das frutas e verduras, a variedade de peixes que se oferece aos compradores, a gritaria dos vendedores oferecendo os seus produtos e o bulício das suas bancas. Mas o que mais chama a atenção deste viajante são as bancas do exterior do mercado e que dão para a ria, onde homens e mulheres de idade indefinida, de rosto curtido e mãos calejadas, oferecem os produtos que cultivaram nas suas hortas do interior algarvio, e também os cestos de cana trançada, os panos tecidos por mãos sábias... e este viajante pergunta-se, com certa melancolia, o que acontecerá quando estes homens e mulheres não estiverem mais lá, quem irá, então assumir. Perguntas para as quais não tem resposta e que o encham de tristeza.

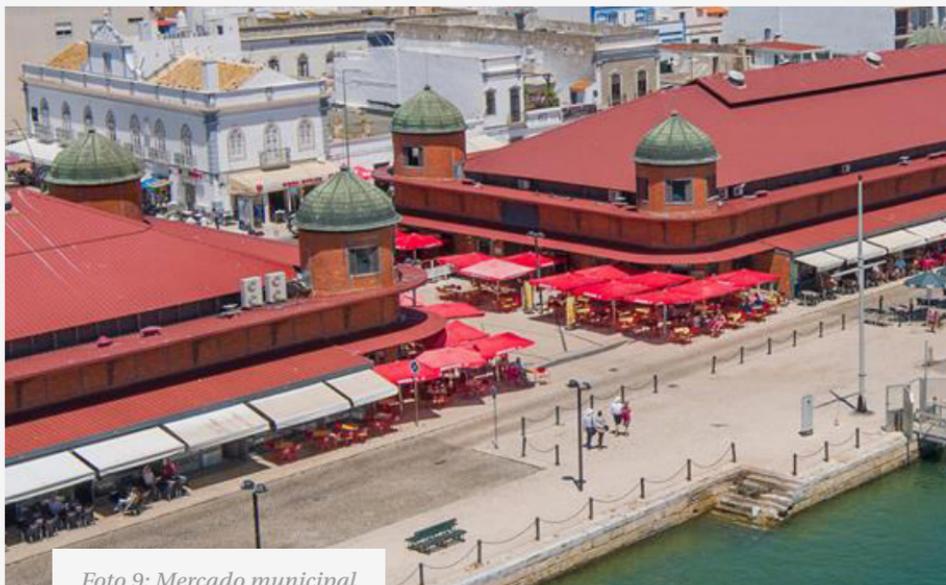


Foto 9: Mercado municipal
© Visit Portugal





Mas não deixará que ela domine o seu ânimo. Tomará «uma imperial» numa mesa à sombra, enquanto contempla o movimento das gentes que vão e vêm, carregadas com tudo o que é preciso para passar um dia na praia.

Hoje este viajante sente que ganhou o dia.

SUGESTÕES E OUTRA INFORMAÇÃO

Abaixo, oferecemos-lhe um conjunto de sugestões para tornar ainda mais agradável a sua caminhada.

Locais de interesse

- Biblioteca Municipal de Olhão
- Feira do Livro de Olhão

Outros percursos

- [Rota Literária do Algarve \(Itinerário Literário de Olhão\)](#)
- [Rota do Sal do Algarve: Castro Marim, Olhão e Tavira](#)
- [Rotas cicláveis de Olhão](#)

Páginas de internet

Para conhecer a Obra de José Saramago

- josesaramago.org/bibliografia-ativa

Outros locais a visitar, onde comer, onde dormir, entre outros

- visitolhao.pt
- visitportugal.com/pt-pt/content/olhao
- visitalgarve.pt/es/menu/45/olhao.aspx
- turismo.diocese-algarve.pt/vigararias?filter_92=722



Referências bibliográficas

Brandão, Veralisa (2016). *Olhão, Terra Cubista*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.

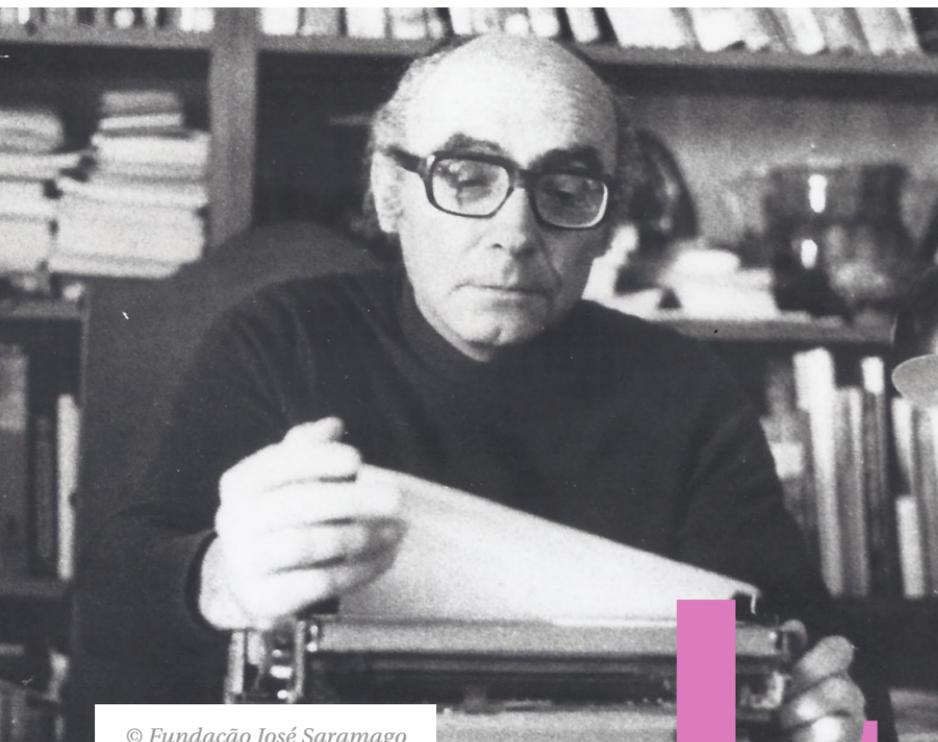
FONSECA, Alexandre da (2008) «O caíque “Bom Sucesso” De Olhão ao Rio de Janeiro, no ano da graça de 1808», in *Actas do Congresso Histórico Olhão, O Algarve&Portugal no Tempo das Invasões Francesas, 14/15/16 Novembro*. Olhão: Município de Olhão.

MENDES, António Rosa, «O Levantamento Popular de Olhão Contra os Franceses», in *Promontória*, Nº 6, 2008.

MENDES, António Rosa (2016), *Olhão fez-se a si próprio*. Prefácio de Joaquim Romero Magalhães. Olhão: Editora Sul, Sol e Sal (1.ª edição, de 2009, Editora Gente Singular, sem este prefácio).

BIOGRAFIA

JOSÉ SARAMAGO



© Fundação José Saramago



Para conhecer a sua autobiografia: josesaramago.org/biografia.

Autor de mais de 40 títulos, José Saramago nasceu em 1922, na aldeia de Azinhaga.

As noites passadas na biblioteca pública do Palácio Galveias, em Lisboa, foram fundamentais para a sua formação. «E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou.»

Em 1947 publicou o seu primeiro livro que intitulou *A Viúva*, mas que, por razões editoriais, viria a sair com o título de *Terra do Pecado*. Seis anos depois, em 1953, terminaria o romance *Claraboia*, publicado apenas após a sua morte.

No final dos anos 50 tornou-se responsável pela produção na Editorial Estúdios Cor, função que conjugaria com a de tradutor, a partir de 1955, e de crítico literário.

Regressa à escrita em 1966 com *Os Poemas Possíveis*.

Em 1971 assumiu funções de editorialista no *Diário de Lisboa* e em abril de 1975 é nomeado diretor-adjunto do *Diário de Notícias*.

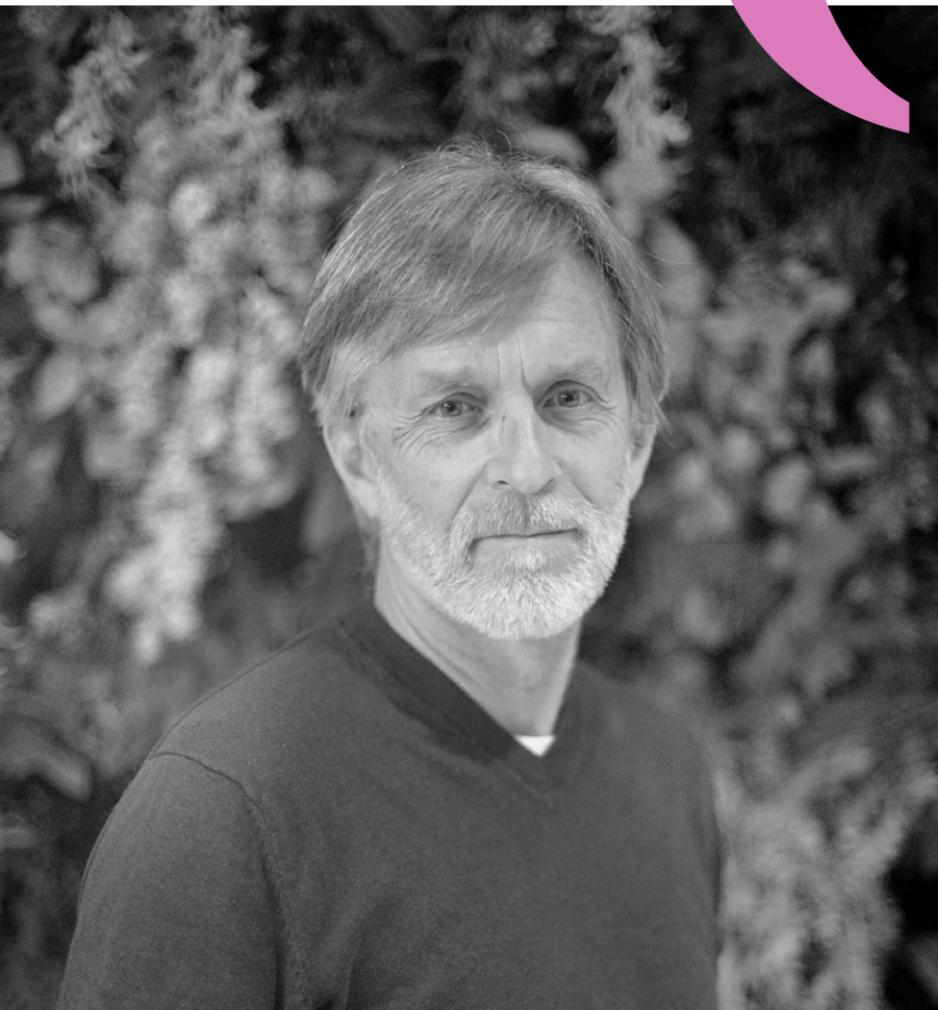
No princípio de 1976 instala-se no Lavre para documentar o seu projeto de escrever sobre os camponeses sem terra. Assim nasceu o romance *Levantado do Chão* e o modo de narrar que caracteriza a sua ficção novelesca.

José Saramago recebeu o Prémio Camões em 1995 e o Prémio Nobel de Literatura em 1998.

Os livros de José Saramago estão publicados em 64 países e traduzidos em 48 idiomas.

BIOGRAFIA

DIEGO MESA



Diego Mesa é o pseudónimo de Diego J. González Martín (1962). Doutorado em Ciências Sociais e Educação com menção internacional pela Universidade de Huelva, com tese sobre *O conceito de cidadania na obra de José Saramago*.

Membro fundador da Associação Cultural Crecida criada em 1989 e dedicada à publicação de livros de poesia. Membro fundador da Associação de Amigos dos Moinhos de Marés da costa de Huelva, graças à qual o moinho de El Pintado foi restaurado em 2007, um dos melhores moinhos de marés de todo o estado espanhol.

Promotor da Aula Saramago, cujo objetivo é disseminar o trabalho e o pensamento do Nobel português, e dos Encontros Ibéricos de Leitores de José Saramago, realizados em diferentes bibliotecas públicas da Andaluzia e Portugal. Autor do livro

Viagem ao Algarve, baseado na *Viagem a Portugal* de José Saramago, e de artigos relacionados com a figura do Nobel.

Atualmente prepara uma antologia de textos deste autor sob o título de *Escrevo para desassossegar*.

FICHA TÉCNICA

Autor: Diego Mesa a partir de *Viagem ao Algarve*, inspirada em *Viagem a Portugal* de José Saramago

Edição: Direção Regional de Cultura do Algarve

Coordenação: Carlos Mendonça - Divisão de Promoção e Dinamização Cultural, da Direção Regional de Cultura do Algarve

Parceria: 1/4 Escuro - Associação de Fotógrafos Amadores de Vila Real de Santo António

Créditos Fotográficos: Município de Olhão, Fundação José Saramago e Região de Turismo do Algarve

Design: TCN Web & Mobile | Electronic Development

Apoios: Município de Olhão, Fundação José Saramago e Região de Turismo do Algarve

ORGANIZAÇÃO



APOIOS

